

FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO (FNPJ)
XIV ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO
X CICLO NACIONAL DE PESQUISA EM ENSINO DE JORNALISMO
MODALIDADE DO TRABALHO: Relato de Experiência
GRUPO DE PESQUISA: Projetos Pedagógicos e Metodologias de Ensino

Repertório: Uma proposta pedagógica no Ensino Superior de Jornalismo – Relato de experiência

Laene Mucci Daniel¹
laenemucci@gmail.com

Palavras-chave: ensino do jornalismo; prática jornalística; repertório;

INTRODUÇÃO

Segundo Lannes (2009), apesar das contínuas críticas enfrentadas pelo ensino do jornalismo no Brasil, há uma “necessidade premente de adaptações das pedagogias adotadas nas salas de aula.” (LANNES, 2009, p. 245). As discussões sobre a prática do ensino jornalístico, como informa o professor e jornalista, giram em torno de carga horária mínima para a boa formação, o tempo de duração do curso, validade do diploma, formas de avaliação e “prioridades de ênfase nos conteúdos teóricos e práticos ministrados durante o curso” (LANNES, 2009, p. 244).

Sem aprofundar em discussões sobre formas de avaliação e sem tratar da questão dicotômica teoria e prática no ensino superior do jornalismo, este artigo, através do relato de uma experiência didática, pretende provocar reflexões sobre a importância do nível intelectual de um jornalista, sua bagagem cultural. Para Dines (1986), a profissão de jornalista exige técnica, astúcia e cultura. Somente dessa forma, segundo o autor, o retrato de um acontecimento

¹ Mestre em extensão rural/UFV, professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa - UFRV

se engrandece e o verdadeiro jornalismo se realiza. “A reportagem também é uma arte porque nela entra toda a bagagem subjetiva de quem a faz”, defende Dines (1986, p. 49). Ao tratar do fundamental gênero jornalístico, a reportagem, Amaral também marca a importância da formação intelectual do profissional do jornalismo. Segundo ele, “reportagem é a representação de um fato ou acontecimento enriquecida pela capacidade intelectual², observação atenta, sensibilidade, criatividade³ e narração fluente do autor. “(AMARAL, 1997, p.3).

Partindo de reflexões de importantes pensadores, observando nossos futuros jornalistas e buscando uma renovada e dinâmica prática pedagógica que provocasse nos alunos uma reflexão sobre a educação e o mercado de trabalho, a professora da disciplina Jornalismo interpretativo, do curso de jornalismo da Universidade de Viçosa, no segundo semestre de 2011, propôs a atividade “*Repertório*” como ação de enriquecimento intelectual e cultural, exercício criativo e livre, prática de uma educação participativa onde todo aluno poderia “dizer sua palavra”, assim como ensinava Paulo Freire, em Educação como prática de liberdade. Segundo a pedagogia Freireana, o ensino baseia-se no diálogo, na liberdade e no exercício de busca ao conhecimento participativo (FREIRE, 1999).

Defendendo a importância de se expor à criatividade para ser criativo (MUCCI DANIEL, 2010), concordando que ótimos jornalistas precisam adquirir bagagem intelectual e cultural, foi proposta uma atividade pedagógica para além da teoria e da técnica jornalística. O momento não era o da pesquisa nem o da técnica. O que mais importava eram a troca cultural e o aumento do repertório de cada um dos 39 alunos do quarto período do curso de jornalismo que cursavam a disciplina Jornalismo interpretativo.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Inicialmente, alunos e professora discutiram sobre o perfil do jornalista atual que, além de dominar as técnicas jornalísticas e transitar entre os meios impresso, eletrônico e digital, precisa estar plugado aos acontecimentos do mundo. A bagagem cultural de um jornalista reflete e influencia seu trabalho,

² Grifo nosso.

³ Idem.

desde o momento de produção da pauta até entrevistas e edição de textos. Em seguida, o conceito de repertório foi apresentado. Entendido como conhecimento prévio, presente na memória e na inteligência de cada um, o conceito de repertório na Teoria da Informação de Claude Shannon refere-se ao nível de conhecimento do receptor, o seu nível cultural, a sua instrução. No senso comum, quando se comenta que alguém possui repertório, significa que é uma pessoa versada em vários assuntos, possuidora de um bom conhecimento geral. A partir dessa conceituação, chegou-se ao consenso da importância de um bom repertório para um bom profissional do jornalismo. Nesse momento, apresentou-se a atividade pedagógica denominada *Repertório* que, além de pretender contribuir ao enriquecimento intelectual de cada um, poderia ser uma alternativa à produção do artigo científico, atividade de avaliação, comumente usada no Sistema de Avaliação de instituições de ensino superior, que havia sido inicialmente pensada no Programa Analítico da disciplina. A maioria aceitou a proposta, com exceção de sete alunos que preferiram produzir o artigo. Esses alunos foram atendidos e só participaram no encerramento da atividade, como voluntários, e não foram avaliados por isso.

Após a adesão da nova atividade, os alunos foram divididos em 3 grupos de 10, 10, e 12 pessoas, respectivamente. E a cada semana, os membros de um grupo apresentavam, individualmente o seu repertório.

Com os recursos data show, quadro e giz, caixas de som, cada aluno apresentava, a todos, algo que considerava interessante de ser mostrado, do ponto de vista cultural: *trailers* de filmes e seriados, músicas, sites, trechos de espetáculos, livros, personagens reais, fotos, ilustrações, entre outros.

No último dia da atividade, três repertórios foram escolhidos por aqueles alunos que optaram produzir o artigo científico, através dos critérios “ineditismo e “interessante”. Os ganhadores receberam um kit “Agrados”, composto de pequenos e lúdicos objetos, tais como iô-iô, CD de nova banda mineira, trena, chocolate, caneta, marca-textos, bombom, bloquinhos, etc.

Ao final, todos foram convidados a preencher um questionário anônimo de pesquisa, inclusive os que produziram o artigo científico, a fim de que a proposta pedagógica *Repertório* fosse avaliada.

DESCRIÇÃO DO PROCESSO/EXPERIÊNCIA

A cada semana, antes da explanação do conteúdo da disciplina, cerca de 40 minutos eram reservados ao grupo de alunos daquele dia que, individualmente, apresentavam, em 3 minutos, as atrações do seu repertório. A atividade acontecia na aula de quarta-feira às oito horas da manhã. Apesar de interrupções de alunos que chegavam atrasados e de imprevistos técnicos, tais como mau contato de fios, falta de som e, ou de imagem, todos conseguiram se apresentar. O clima era de descontração e competitividade. Alguns alunos se exaltavam, batiam palmas e até gritavam.

Cada aluno apresentou três atrações do seu repertório. Dentre as 95 apresentações (uma aluna faltou um dia), no semestre letivo, a maior parte (24,2%) apresentou filmes e documentários, seguida de 23,15% que falaram sobre livros, 18,9% que abordaram música e 10,5% que trouxeram blogs e sites. Apenas 4,2% citaram matérias jornalísticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A “censura livre” que permitiu a todos apresentarem o que tinham vontade, sem limite ou crítica de conteúdo e a quantidade de 95 apresentações (sendo 3 para cada aluno) pode ter banalizado a atividade. Acostumados aos conceitos de grade curricular, normas, regras e disciplina, uma minoria dos alunos não se esmerou em apresentar repertórios inéditos e surpreendentes, já que a livre e simples apresentação contava pontos e não eram julgados pela qualidade do que apresentavam. A maioria dos alunos, mesmo respondendo à pesquisa que a atividade contribuiu ao seu enriquecimento cultural, se comportou como se a atividade tivesse um caráter somente lúdico. O riso, algumas vezes descontrolado e o excesso de jocosidade foram percebidos como um estranhamento à liberdade incomum dada em sala de aula. Desse comportamento, algumas questões surgem: por que numa proposta de abertura da grade curricular, o aluno solto tende a bagunçar, avacalhar, alguns até a menosprezar a atividade proposta? Por que os alunos, mesmo os que pedem e reclamam mudanças, sentem-se mais à vontade e consideram mais séria a proposta didática que impõe regras e juízos de valor?

Por outro lado, a alegria e a descontração demonstradas pelos alunos foram consideradas como um indicativo de que a mudança para uma educação

participativa torna-se mais possível, num ambiente em que alunos e professores dialogam, discutem juntos os conteúdos programáticos e a escola finalmente se transforme em Círculos de Cultura (FREIRE, 1999).

A eleição do site www.releituras.com, um resgate da memória literária mundial, como o mais enriquecedor, e não de uma apresentação divulgada pela grande mídia (e portanto, mais conhecida) demonstrou que os alunos (quem elegeu) reconhecem a importância da atividade. Apesar da falta de comprometimento com a qualidade por parte de alguns, a prática mostrou-se inovadora e impactante e respostas ao questionário da pesquisa apontam para a continuidade da atividade, com outras turmas, em outros semestres. Dessa vez, assim como sugeriram os questionários de pesquisa, o repertório terá limites mais demarcados, normas novas em que, por exemplo, cada aluno deve apresentar ao longo do semestre, repertórios ligados à arte, à pesquisa, ao jornalismo. Os temas deverão ser mais diversificados, abrangendo, inclusive questões filosóficas e pensadores do jornalismo. É importante concluir que enriquecimento de repertório se faz ao longo do tempo e que somente com o tempo, percebe-se o enriquecimento da bagagem intelecto-cultural.

6. Referências Bibliográficas

AMARAL, L. **Jornalismo: matéria de primeira página**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1997.

DINES, Alberto. **O papel do jornal: e a profissão de jornalista**. São Paulo: Editora Summus, 1986.

DUAILIBI, R., SIMONSEN, H. **Criatividade & marketing**. São Paulo: Makron Books, 2000.

FREIRE, Paulo. **A Educação como Prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

LANNES, Joaquim Sucena. OutroOlhar: uma proposta pedagógica de jornal-laboratório cidadão. **Revista de Ciências Humanas**, Universidade Federal de Viçosa, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, vol. 9, nº 2, Viçosa: UFV, CCH, 2009.

MUCCI DANIEL, L. Gestão de produtos e serviços. Apostila de sala de aula do Curso de Pós graduação MBA em Comunicação Empresarial – Univiçosa, Viçosa, 2011. 60f.

REPERTÓRIO. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Repert%C3%B3rio>. Acesso em 15/03/2012.